

ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO PRÉ-HISTÓRICO DA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP.

Eliane Aparecida Estevam¹, Ruth Künzli²

Universidade Estadual Paulista – Unesp
Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT
Departamento de Planejamento, Presidente Prudente – SP
¹liaestevam@zipmail.com.br
²ruth@prudente.unesp.br

Palavras-chave: Arqueologia, Material cerâmico, Catalogação.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas / Arqueologia

Resumo- Este trabalho propõe-se a resgatar alguns sítios arqueológicos localizados entre as Usinas Hidrelétricas Eng.º Sérgio Motta e a de Jupiá, na margem paulista do rio Paraná. Dos 134 sítios arqueológicos cadastrados 16 foram escolhidos aleatoriamente para esta pesquisa. O material destes passou por um processo de limpeza, numeração e catalogação. O passo seguinte foi a análise dos seguintes aspectos das peças cerâmicas: medidas, técnica de manufatura, formas, queima e decoração. Por meio dessa análise conseguimos dados e informações que nos permitem dizer que os sítios em geral são lito-cerâmicos, com grande quantidade de fragmentos, principalmente paredes de artefatos. Além disso, procuramos descobrir como eram confeccionados tais artefatos, assim como sua utilização pelos povos pré-históricos. Foi propósito desta pesquisa não apenas resgatar seus costumes, no que diz respeito à cultura material, mas também quanto a sua cultura não material, que é de igual importância.

Introdução

Devido às exigências do mundo atual, os trabalhos de escavação arqueológica que demoravam anos para se concretizarem, ficaram inviabilizados, dando espaço ao que os arqueólogos denominam de arqueologia de salvamento. Nesse sentido foi elaborado o “Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera-SP”, que se propôs a resgatar os sítios arqueológicos localizados entre as UHEs (Usinas Hidrelétricas) Engº Sergio Motta (Rosana) e Jupiá (Castilho). A realização desta pesquisa de salvamento está a cargo da equipe do CEMAARQ (Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia) da FCT (Faculdade de Ciências e Tecnologia) Unesp, Campus de Presidente Prudente, através de contrato entre a Fundacte (Fundação de Ciências, Tecnologia e Educação) e a CESP (Companhia Energética de São Paulo).

Durante a fase de prospecção foram cadastrados 134 sítios arqueológicos, destes 16 foram analisados nesta pesquisa. Essa análise se baseou na localização geográfica dos sítios e no material encontrado neles.

Arqueologicamente, uma análise do material pré-histórico busca responder às questões relativas ao cotidiano de um sistema cultural, e, para que tal objetivo seja atingido, faz-se necessário que estes elementos sejam tratados como documentos, os quais, através de procedimentos indiretos, tornam possível extrair inúmeras informações de substantiva

significância para o entendimento da sociedade estudada. Como no Brasil os grupos indígenas não desenvolveram uma história escrita, é através dos materiais cerâmicos, pedra lascada, pedra polida, enterramentos, formas das aldeias, que buscamos essas informações.

A área de influência da UHE tem como eixo a bacia do Rio Paraná, e devido ao seu potencial e o de seus tributários, promoveu a ocupação deste local por várias populações, e também é pouco conhecida quanto ao seu conteúdo arqueológico, fato que motivou o presente enfoque. [1]

A arqueologia é uma ciência cumulativa, que depende em parte do estabelecimento de dados obtidos diretamente em pesquisas de campo, porém, não podemos deixar de observar que estamos analisando objetos socialmente constituídos num passado, mas interpretados num presente contextualmente distinto. Para isso são desenvolvidos modelos teóricos nos quais o pesquisador se apóia a fim de compreender a estruturação social e dos assentamentos dos grupos pré-históricos. A cerâmica, assim como os líticos, são os testemunhos arqueológicos mais resistentes, tornando-se uma fonte de informações extremamente valiosa. Sendo assim, o conhecimento da matéria-prima, suas características e propriedades, é indispensável para a análise do material, permitindo uma visão mais clara das técnicas de decoração [2].

O material coletado nesses sítios foi submetido a um trabalho de laboratório, no qual

as peças foram limpas, numeradas, catalogadas e inventariadas através de fichas apropriadas.

Em seguida foi feita a seleção do material decorado para análise da tecnologia, tipologia e os estilos empregados. Num segundo momento serão confrontados os dados da pesquisa atual com dados já obtidos em trabalhos anteriores, tentando reescrever a história das populações pretéritas da região. Tentou-se também fazer a reconstituição das formas dos vasos da indústria cerâmica dos sítios. O confronto entre sítios, que abrangem toda a área do projeto, propiciou a análise e a verificação de que ou se trata dos mesmos grupos, se de grupos diferentes, se de influências sofridas, seja por outros grupos ou pela chegada dos europeus à área.

Dessa maneira, poderemos notar que tanto a cultura material como seus detalhes e o destino que lhes era dado, juntamente com a sua localização, permitem uma melhor correlação do povoamento com as variáveis ambientais, pois o universo material, ou melhor, sua realidade, é apreendida materialmente e carrega consigo práticas que, cotidianas ou não, são criadas, incorporadas e ratificadas pelo social, enquanto construção política. A intenção não é a de realizar uma estrutura em detalhes de uma semiótica exaustiva dos objetos, mas sim a de utilizar essa perspectiva de maneira a aplicá-la à observação do objeto dentro da cultura.

Materiais e Métodos

Para que essa pesquisa fosse realizada, foram aprofundadas as leituras sobre as populações indígenas e a tradição Tupiguarani dentro da área do Projeto de Salvamento Arqueológico de Porto Primavera – SP, bem como o levantamento geográfico dessa área, em consequência de um interesse em fazer um ensaio no âmbito georquológico. Para isso lançamos mão de dados intra e extra-sítio, registrados cartograficamente, por meio de câmeras digitais e vídeos, considerando os vestígios cerâmicos como uma fonte de dados para estudos da pré-história.

Ao lado do levantamento dos dados geográficos da área e o aprofundamento das leituras, o material cerâmico decorado foi submetido à análise tecno-tipológica, e no intuito de obtermos maior número de informações, confrontando os dados extraídos do material com sua localização geográfica.

A análise tecno-tipológica consta de tipo de antiplástico e sua espessura, espessura da parede, queima, técnicas de manufatura, sendo que para os fragmentos de borda, foram considerados os tipos de bordas e tipo de lábio, que permitiram a reconstituição gráfica dos vasos por meio das bordas.

Contribuições de outras Ciências

A arqueologia, principalmente a arqueologia pré-histórica, obtém contribuições com as ciências da terra, particularmente a geomorfologia e petrografia sedimentar, para a interpretação e reconstituição do meio ambiente no contexto arqueológico, compondo a chamada “gearqueologia”. Esse contexto fornece um legado do meio ambiente primitivo, sobretudo com relação aos artefatos e às atividades culturais pré-históricas [3].

Nesta perspectiva tomamos por base o material cerâmico como vetor de informação que conduz às atividades cotidianas, mas cujo conteúdo permite discutir sobre esferas não-materiais da cultura, como organização social e religiosa [4]. Por meio da localização, analisada conjuntamente com a leitura de atributos tecnológicos, morfológicos e estatísticos, teremos um banco de dados que retroalimenta esta pesquisa.

Bacia do Paraná

Integrante da bacia Platina, a bacia hidrográfica do rio Paraná destaca-se por seu porte, uma vez que abrange dimensões de aproximadamente 2.800.000 km² de área e 3.780 km de extensão, drenando e compondo um grande eixo de ligação na direção centro-sul da América do Sul, com vertentes no Brasil, Paraguai e Argentina [1].

Localiza-se entre a Depressão Periférica e Planaltos e Chapadas.

Tradição Tupi-guarani

Sabendo que a tradição Tupi-guarani perdurou com identidade própria por pelo menos 1000 anos, devemos acrescentar a este dado temporal também uma variável espacial. Segundo as informações etno-históricas, a área ocupada pelos portadores dessa tradição era imensa, praticamente todo o leste da América do Sul, desde o norte do Amazonas até o rio da Prata, da costa do Atlântico até a região do Chaco [5].

Todas as informações indicam fortemente que os sítios com cerâmica Tupiguarani de São Paulo estão longe de constituir uma unidade, pelo contrário, fornecem importantes indícios de especificidades locais e regionais [6].

Suas aldeias, em geral, eram de forma circular, sua cerâmica tinha formas e decorações variadas, como as urnas carenadas e a decoração corrugada. As roças eram abertas nas matas, cujas árvores eram cortadas e, depois de secas, queimadas. O cultivo era feito no meio dos tocos, sem que se arasse e capinasse o solo,

mas colocando as sementes ou as ramas em pequenas covas, abertas com um bastão. Tudo era plantado misturado, como numa agricultura consorciada. Uma roça durava pouco anos, sendo abandonada para que fosse aberta nova clareira na floresta para novos cultivos [7]. As vasilhas de forma e tamanho reduzidos tinham como finalidade o uso individual. Já as de tamanho médio estão associadas ao preparo de alimentos e armazenagem de produtos em pequenas quantidades. As grandes tinham função de cozer, armazenar líquidos e alimentos em maiores quantidades e urnas para fermentar cauim.

A arte plumária era exuberante, e o sepultamento, podia ser primário, alguns em urnas funerárias outros diretamente no chão ou secundário. Viviam sempre em locais próximos aos rios e se adaptavam muito bem às florestas. Como pequenos agricultores que eram, seus cultivos abrangiam feijão, milho, mandioca, batata-doce, cará, amendoim, abóbora, fumo, algodão e urucum [7]. Para complementar a alimentação, obtinha carne por meio da caça e pesca, além da coleta de moluscos e mel.

O regime alimentar diferenciado, baseado na mandioca ou no milho, resultou numa mudança de forma e dimensão do vasilhame, expressões que podem ser percebidas nas diferentes regiões onde são encontradas manifestações dessas culturas [8]. Foi partindo de um trabalho comparativo entre gravuras presentes nas crônicas européias dos séculos XVI e XVII e a cerâmica encontrada nos sítios arqueológicos (BROCHADO, 1991) que conseguimos reconstituir a função dos vasos (apud [8]).

Assim, nos rituais, que exigiam bebidas fermentadas, o milho e a mandioca que necessitavam do cozimento e a água que precisava ser armazenada, faziam com que essas culturas confeccionassem panelas, tigelas, jarros, pratos e urnas. As urnas podem ter duas funções, ou preparo de bebidas ou sepultamentos, como nos remete [9] e parece haver uma relação estreita entre o sepultamento e as bebidas alcoólicas, ingeridas durante os rituais de morte, como mostram alguns textos etno-históricos.

Nos sepultamentos, a deposição parece ter sido a de acomodar o corpo em posição fetal e, junto ao morto, freqüentemente encontramos objetos como colares e tigelas pequenas.

Analisando todos estes aspectos, especialmente em relação ao possível estabelecimento da existência da comparação, na pré-história, de identidades socio-culturais regionais específicas, e, com o aprofundamento e detalhamento dos estudos cerâmicos, provenientes de espaços geográficos distanciados, por intermédio do estabelecimento

de padrões cerâmicos diferenciados [10], obteremos todas as características possíveis a respeito das populações que aqui habitavam. Portanto, apesar da cerâmica ser um indicador importante para o estudo de uma sociedade pré-histórica, só adquire seu total valor no momento em que é relacionada a outros componentes que fazem parte desses grupos. Porém, neste trabalho, iremos considerá-la como uma unidade analítica, procurando, ao máximo possível, analisar as disposições de seus componentes, de forma a estabelecer as características técnicas da cerâmica dos sítios [11].

Os artefatos da tradição Tupiguarani são bem conhecidos, sendo remanescentes constituídos de objetos de pedra, não muito abundantes; encontram-se lâminas de machados de morfologia geralmente trapezoidal, total ou parcialmente polidas, empregadas provavelmente no corte de árvores para a construção dos esteios das cabanas e para as canoas que utilizavam em seus percursos fluviais.

Uma série de dados sugere ter havido forte interação entre os habitantes de cada agrupamento, bem como dos agrupamentos entre si: a proximidade dos sítios, a homogeneidade nos padrões de implantação e distribuição, bem como nos padrões tecno-morfológicos de suas indústrias, torna difícil conceber um isolamento. Ao contrário, teria havido uma intensa circulação de informações, objetos e/ou pessoas por toda extensão do território abrangido pelo sistema de assentamento [12].

Conclusões

O número cada vez maior de evidências atesta os fluxos de informação e/ou objetos entre sítios que apontam uma importância crescente das relações extragrúpicas, tanto na origem como no desenvolvimento da ocupação pré-colonial, em termos regionais e inter-regionais. Para isso, durante os trabalhos de campo, foram levantadas informações coletadas nos sítios durante as escavações, procurando identificar variações na forma, tamanho, implantação e localização. A partir de dados sobre a localização dos sítios no meio físico, parâmetros demográficos propostos e do quadro tecnológico, infere-se que os grupos teriam tirado o sustento predominantemente de atividades lavradoras, entre os quais se destacaria o milho, mandioca, algodão e tabaco.

Diferentes evidências indicam, ainda, que grupos caçadores-coletores já teriam desenvolvido a prática do cultivo incipiente antes da introdução da cerâmica [4].

Numa visão do grupo estudado, seriam características desse a cerâmica com decoração plástica (com predomínio de corrugado e a

presença de urnas funerárias). A economia destas sociedades teria sido complexa e de larga escala, englobando a produção intensiva de plantas de raiz e de semente em campos de poli e monoculturas, a caça e a pesca intensiva, o amplo processamento de alimentos e armazenagem por longos períodos.

Pelas suas características a cerâmica é um elemento diagnóstico da cultura tupiguarani, caracterizada pela decoração policrômica com traços lineares sobre fundo engobado e decorações plásticas variadas, tendo a cerâmica sido basicamente utilizada para fabricar recipientes, mas também para outros tipos de instrumentos [9]. O material cerâmico aponta para uma grande variedade de vasilhas, variando de urnas funerárias, vasilhas para armazenar líquidos, painéis de vários tamanhos para cozer alimentos e assadores de beiju.

Devido à baixa frequência com que ocorrem artefatos de pedras podemos concluir que os tupiguaranis eram medíocres lascadores de pedra, mas que as tribos “guaranizadas” podem ter conservado, por algum tempo, técnicas tradicionais, que explicam a riqueza de alguns sítios.

Os sítios apresentam características semelhantes tanto em relação à localização quanto ao tipo de material encontrado. Eram localizados frequentemente em locais onde o solo era fértil, o que auxiliava na agricultura e próximos a cursos d'água, que lhes forneciam água potável. O que nos remete a dizer que no Brasil os homens pré-históricos dependiam extremamente das condições geográficas em relação às suas andanças, a seu tipo de alimentação e à fabricação dos instrumentos necessários à sua sobrevivência [9]. O conhecimento dos guaranis evidencia o que o grande número de sítios já permitia antever, como nos remete [9]; uma cultura ao mesmo tempo tradicionalista em seus costumes e extremamente dinâmica em sua expansão e demografia.

Referências

[1] KASHIMOTO, E. M. Variáveis ambientais e arqueologia no alto Paraná. (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1997.

[2] MARANCA, S. Dados preliminares para uma classificação do material cerâmico pré-histórico. Revista do Museu Paulista: São Paulo, v30, 1985.

[3] GLADFELTER, B. G. **Geoarchaeology: the geomorphologist and archaeology**. American Antiquity, v 42, 1977.

[4] ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. A ocupação pré-colonial do Brasil central: origens e desenvolvimento. (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

[5] SCATAMACCHIA, M. C.M.; CAGGIANO, M.A.; JACOBUS, A. O aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para classificação de vasilhas cerâmicas da tradição Tupiguarani. Universidade Federal de Pernambuco, Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, 2000.

[6] ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M.; ZANETTINI, P. E. **Jacaré às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no sítios Santa Marina**. Ed. Expresso, 1999.

[7] SCHMITZ, P. I. **O guarani: história e Pré-história** in Tenório, M. C. **Pré-história da Terra Brasilis**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2000.

[8] BUARQUE, A. **A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro** in Tenório, M. C. **Pré-história da Terra Brasilis**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 2000.

[9] PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: ed. UnB, 1992.

[10] SILVA, S. B. Lista de atributos para cerâmicas arqueológicas – uma proposta metodológica. Revista de Arqueologia. São Paulo, 1994-95.

[11] NASCIMENTO, A.; LUNA, S. **Procedimentos para a análise da cerâmica arqueológica**. Clio - Pernambuco: ed. Universitária/UFPE, nº 10, 1994.

[12] ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no vale do Paranapanema. Revista Terra Indígena. Assis, 2000.